

Literatura infantil indígena: práticas pedagógicas de interdisciplinaridade e interculturalidade

Indigenous children's literature: interdisciplinary and intercultural pedagogical practices

Bruna Costa Mariano Ferreguetti Souza¹

Laura Juliana Neris Machado Barros²

Maristela Bortolon de Matos³

Resumo: A literatura representa um bem social que precisa ser valorizado e oportunizado às crianças, sobretudo, voltada à interculturalidade, no contexto da literatura infantil indígena, como forma de promover a diversidade cultural. Este relato de pesquisa tem como objetivo apresentar como uma prática pedagógica interdisciplinar realizada em uma turma de Ensino Fundamental – Anos Iniciais, do Colégio de Aplicação/UFRR, em Boa Vista/RR, contribuiu para a formação cidadã, na perspectiva da interculturalidade, tendo a literatura enquanto um bem indispensável. Como estratégia de ensino, utilizou-se a proposição de uma sequência didática, envolvendo diversas áreas do conhecimento, a partir de um projeto denominado “Paradan: cultivando sementes”. Como resultado deste trabalho, os alunos produziram um livro com a temática indígena relacionando os conhecimentos apreendidos ao longo do processo de aprendizagem. Através da produção das crianças, com a prática pedagógica aplicada, pode-se constatar o quanto apreenderam sobre a cultura indígena e o contexto diverso em que estão inseridos.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Ensino Fundamental. Interdisciplinaridade. Interculturalidade.

Abstract: Literature represents a social goods that needs to be valued and given opportunity to children, especially, aimed at interculturality, in the context of indigenous children's literature, as a way to promote cultural diversity. This research report aims to present as an interdisciplinary pedagogical practice carried out in an elementary school class - Initial Years, from the Colégio de Aplicação / UFRR, in Boa Vista / RR, contributed to citizens education, from the perspective of interculturality, having the literature as an indispensable asset. As a teaching strategy, we used the proposition of a didactic sequence, involving several areas of knowledge, from a project called “Paradan: cultivating seeds”. As a result of this work, the students produced a book with an indigenous theme relating the knowledge learned throughout the learning process. Through the production of children, with applied pedagogical practice, it is possible to verify how much they learned about indigenous culture and the diverse context in which they are inserted.

Keywords: Children's Literature. Elementary School. Interdisciplinarity. Interculturality.

¹ Mestranda em Educação pela UERR. Professora Efetiva do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (Cap/UFRR).

² Mestranda em Educação pela UERR. Professora Efetiva do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (Cap/UFRR).

³ Doutora em Educação pela UNISINOS. Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas. Especialização em Metodologia do Ensino e em Metodologia do ensino Superior. Mestrado em Ciências de la Educación Superior - Universidad de Matanzas Camilo Cienfuegos, convalidado pelo Universidade Federal de Mato Grosso.

Introdução

O presente texto se trata de um relato de pesquisa que versa sobre práticas pedagógicas interdisciplinares realizadas em uma turma de Ensino Fundamental – Anos Iniciais, durante um semestre letivo, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAP/UFRR), situado no Município de Boa Vista/RR. Tem como objetivo principal apresentar a relevância de uma prática pedagógica interdisciplinar, que abordou a Literatura Infantil Indígena como um instrumento para a formação do sujeito em uma perspectiva intercultural, ou seja, de reconhecimento, interação e valorização das diferenças.

As ações desenvolvidas foram norteadas pelo projeto “Paradan: cultivando sementes”, este foi elaborado ponderando que o estado de Roraima possui, proporcionalmente, a maior população indígena do país, tendo, segundo o último censo do IBGE (2010)⁴, pouco mais de 11% de pessoas declaradas indígenas. Além disso, considerou-se a necessidade de conhecimento dos estudantes de seu entorno social. As práticas realizadas na turma do 2º ano envolveram as disciplinas: Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia.

Diante dos textos que compõem a arte literária, ao longo do tempo delimitou-se àqueles adequados ao público infantil, denominando-os de literatura infantil, o que tem direcionado as escolhas do que é pertinente tornar acessível às crianças. Cientes disso, muitos educadores além de oportunizar aos alunos o contato com essa arte, também a têm utilizado enquanto um recurso rico para a promoção de práticas educativas que envolvem a abordagem de temas transversais. Para tanto, dialoga-se com estudiosos como: Candido (2011), sobre a importância da literatura para o desenvolvimento social; Paviane (2008), sobre interdisciplinaridade; Candau (2008), sobre interculturalidade; entre outros autores.

A estratégia de ensino utilizada foi a proposição de sequência didática, nas diversas áreas do conhecimento relacionadas, a partir de um projeto desenvolvido denominado “Paradan: cultivando sementes”, que teve como foco aproximar os alunos ao contexto multicultural local, através de ações de interação com as culturas indígenas. No desenvolvimento deste trabalho, buscou-se relacionar os conteúdos programáticos de cada disciplina, com a proposta do projeto supracitado e atender a Legislação, no que tange a Lei 11.645 (BRASIL, 2008), que afirma a abordagem da cultura e história dos povos indígenas na educação básica.

⁴ Fonte: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>, no dia 26 de março de 2020.

A sequência didática proposta com a turma foi dividida em três momentos: inicialmente, a participação nas ações desenvolvidas pelo projeto Paradan (oficinas, apresentações, visitas técnicas). A partir de então (segundo momento), em sala de aula foram realizadas diversas práticas de leituras de livros infantis indígenas, associando-as posteriormente ao conteúdo trabalhado ao longo do bimestre nas disciplinas: leitura, escrita e interpretação de textos literários (Língua Portuguesa); dia e noite, preservação do meio ambiente (Ciências); formação do Estado de Roraima, organização das comunidades indígenas e diversidade cultural (Geografia e História). No terceiro momento, que culminou com o resultado das práticas propostas, os alunos produziram coletivamente um livro infantil com a temática indígena, o qual denominaram: “*Mikael Paixá: o protetor da floresta*”, que demonstrou a compreensão da relação dos índios com a natureza e as novas vivências que passaram a ter no mundo globalizado.

Por meio desse trabalho, ressalta-se a importância da interdisciplinaridade e da literatura infantil para a formação humana na interculturalidade, uma vez que, através do diálogo entre a Literatura e as diferentes disciplinas é possível promover a ampliação do olhar das crianças sobre si e o contexto diverso em que são participantes, reconhecendo a cultura indígena e sua importância para Roraima e todo território brasileiro.

1. A Literatura Infantil Indígena como ferramenta da Prática Pedagógica no contexto da Interculturalidade

O texto literário permeia as relações de aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento. Assim, a literatura pode ser partilhada nas práticas pedagógicas interdisciplinares como ferramenta que contribui para a formação integral do sujeito.

Essa potencialidade da literatura de contribuir com a formação integral é ratificada por Candido (1995, p. 174), que a defende enquanto um bem insubstituível na vida humana, ao tratar do direito a literatura, afirmando que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”.

Seja pelo meio oral ou escrito a arte literária faz parte do cotidiano dos diferentes povos, construindo imagens, lugares que são eternizados por gerações, alimentando a imaginação e a criatividade, perpetuando representatividades, ampliando saberes, ensinando despretensiosamente ou intencionalmente sobre os infinitos coletivos e particulares.

Ao tratar da literatura enquanto um direito humano, Candido (1995) alerta sobre as relações de desigualdade construídas ao longo da história e que começaram a inquietar a partir da visualização de que o que é indispensável para mim também é indispensável para o outro. Assim, define-se que a literatura é indispensável a todos: crianças, jovens, adultos, ricos, pobres, negros, índios e não índios. Não podendo restringir seu acesso e também sua criação.

Pensado ainda sobre direitos humanos, Candau (2008), ao discorrer sobre educação e interculturalidade, contribui para a ratificação do olhar sobre as desigualdades levantadas anteriormente e para a afirmação do papel das instituições escolares frente a essa realidade. Com isso afirma:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2008, p.51).

Assim, a escola, como ambiente de formação de cidadãos capazes de interagir em qualquer contexto com autonomia e visando o bem estar social, deve favorecer as práticas interculturais e o acesso à arte literária, proporcionando aos discentes conhecerem diferentes mundos e culturas por meio da literatura. E os livros de literatura indígena são insubstituíveis para a efetivação de uma educação intercultural, pois permitem que, temas transversais, como a cultura indígena, sejam abordados de modo acessível, lúdico, belo em sala de aula e proporcionar conhecimento sobre o entorno social na qual estão inseridos.

De acordo com Thiél (2013, p. 1776):

A literatura de um povo é, na verdade, composta pela literatura de muitos povos. Quando falamos sobre o contato das crianças e jovens com a literatura brasileira, estamos falando de muitas literaturas, culturas e vozes, criadas não só em língua portuguesa, mas também em idiomas nativos, tais como os textos da literatura indígena.

Neste sentido, oportunizar que as crianças experimentem e descubram as literaturas de diferentes culturas visa possibilitar o conhecimento do outro e promover a diversidade, tão própria do contexto brasileiro. Ainda de acordo com a autora: “[...] o contato com a literatura indígena pode possibilitar ao leitor não índio uma reflexão sobre sua própria comunidade interpretativa e sua relação com os demais povos” (THIÉL, 2013, p. 1187).

A partir desse entendimento, vê-se a necessidade de apresentar aos alunos a diversidade presente no contexto em que vivem, muitas vezes desconhecida ou estereotipada, com o intuito de ampliar o olhar para as relações humanas.

Acerca das diferenças culturais, entendemos, a partir das análises de Silva e Rebolo (2017, p. 181), que essas “[...] devem estar “dentro da escola” como parte integrante das relações interpessoais e das práticas pedagógicas no âmbito do ambiente escolar, e é nesse caminho que se deve pensar as ações educativas”.

As ações educativas voltadas para o contexto da interculturalidade permitem o conhecimento do mundo complexo e possibilita as relações interpessoais, a partir do respeito ao diferente e reconhecimento de identidades diversas que convivem diariamente no meio escolar.

Essas ações devem fazer parte das práticas de todos os docentes, caracterizando-se como um trabalho conjunto da comunidade escolar. Por isso, a relevância da interdisciplinaridade, principalmente na abordagem de temas transversais como a cultura indígena. Temas como esse não devem ser restritos as aulas de história, nem apenas para atender a uma legislação, assim como o trabalho com livros literários não precisa ser limitado à disciplina de Língua Portuguesa. Contrário a isso, faz-se necessário o diálogo entre os diferentes componentes escolares para um efetivo trabalho de reconhecimento e valorização das diferentes culturas.

Em diálogo com Paviani (2008), parte-se de uma ideia de interdisciplinaridade na qual não há um modelo único de ação interdisciplinar e que a educação deve fazer-se na integração dos diferentes saberes, não só os cognitivos, mas de todos que fazem parte da convivência humana e que para isso deve haver um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. Dessa forma, a abordagem da cultura indígena, por meio da literatura, pode dar-se sob a perspectiva de cada disciplina, num diálogo que vise alcançar um objetivo comum.

Dado o exposto, a apropriação da literatura infantil indígena por parte dos alunos pode fazer parte dessa dinâmica interdisciplinar e intercultural. Pois nas ações pedagógicas: “[...] ao promover a escuta/leitura de textos indígenas por crianças e jovens, cabe ao professor proporcionar a oportunidade destes leitores conhecerem e discutirem esta literatura” (THIÉL, 2013, p. 1186). E essa discussão pode dar-se por diferentes perspectivas conforme será abordado a seguir.

2. Metodologia

A presente pesquisa é uma pesquisa-ação, visto que se trata de um processo investigativo baseado em reflexões sobre ações, visando o reconhecimento de práticas educativas que podem contribuir com a formação de cidadãos na diversidade. Chizzotti (2000, p. 10) descreve que: “a pesquisa-ação se propõe a uma ação deliberada visando uma mudança no mundo real, comprometida com um campo restrito, englobado em um projeto mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento”.

A partir do que dispõe o autor, pode-se afirmar a relevância do caminho investigativo escolhido, uma vez que, para intervir dentro de uma problemática social, como a de promover uma educação intercultural numa sociedade de princípios universais, faz-se necessária uma autorreflexão coletiva e é o que se propõe no presente escrito.

Foi utilizada uma abordagem qualitativa, uma vez que teve por objetivo refletir sobre ações pedagógicas desenvolvidas numa realidade concreta. Nesse caso, práticas realizadas com os discentes do 2º ano do Ensino Fundamental, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima.

De acordo com Minayo (2002, p. 21-22), a pesquisa qualitativa é definida como aquela que: “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Desse modo, por meio desse estudo, refletimos sobre como um trabalho interdisciplinar, utilizando a Literatura Infantil Indígena como fonte para abordagem das histórias e culturas indígenas, contribui para o reconhecimento e valorização da diversidade, para a formação de cidadão. E não há variáveis quantitativas que possam mensurar isso, mas a autorreflexão sobre os processos, sim, pois observamos a interação dos alunos com a temática abordada, a mudança de discursos e a construção de novos olhares.

As atividades interdisciplinares foram desenvolvidas durante o primeiro semestre de 2019, numa sequência didática norteada pelo Projeto Escolar *Paradan*: cultivando sementes. O Insikiran – Instituto de Formação Superior Indígena da UFRR contribuiu para o alcance dos objetivos almejados no projeto, por meio da interação das crianças com os graduados indígenas. Ele fica situado no Campus Paricarana da UFRR e tem como objetivo viabilizar a formação profissional, de modo específico, diferenciado e intercultural aos indígenas de Roraima.

Apesar de o projeto envolver todos os alunos e docentes do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, do Colégio de Aplicação da UFRR, nessa pesquisa delimitamos nossas reflexões às vivências desenvolvidas por duas docentes na turma do 2º ano, formada por 25 alunos.

Ponderando tanto sobre as atividades desenvolvidas em sala, quanto nas promovidas pelos discentes do Insikiran.

Estudantes do Insikiran promoveram uma aula passeio pelo Instituto, na qual os discentes entraram em contato com objetos, pinturas e outros elementos que contam um pouco da história das diferentes etnias indígenas de Roraima. Também conheceram a horta e as práticas de cultivo indígena. Além disso, foi ensinada aos discentes a dança Parixara e um grupo de estudantes ofereceu oficina de pintura corporal aos discentes do 2º ano.

Já em sala de aula desenvolveram-se atividades que abordaram a cultura indígena sob diferentes perspectivas, de acordo com cada disciplina, em diálogo, tendo a literatura indígena como base para o conhecimento e reconhecimento da riqueza cultural indígena e sua contribuição a nível estadual e nacional.

3. Planejamento e execução da estratégia de ensino e aprendizagem interdisciplinar

O instrumento escolhido para a realização da pesquisa foi a sequência didática. Com base nos estudos sobre esta proposta de ensino, observa-se que:

Para os autores da escola de Genebra, a estrutura de base de uma sequência didática é um processo formado por quatro etapas, quais sejam: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Essa estrutura é operacionalizada pela situação de produção, pelos objetivos e pelas tarefas propostas durante a realização da sequência didática (MESQUITA; LEÃO; SOUZA, 2016, p. 64).

Assim, seguiram-se esses passos dentro das atividades propostas nas disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências na turma já mencionada, a partir da apresentação inicial para a compreensão acerca da temática abordada, sucedida pelo aprofundamento dos conteúdos por meio de produções e pesquisas, para chegar a produção final, que consistiu na elaboração de um livro com a temática indígena envolvendo os conhecimentos abordados durante o processo.

A estratégia de utilizar a literatura infantil indígena através de um enfoque interdisciplinar foi escolhida pela justificativa de que essa prática possibilita a aproximação do aluno à realidade como um todo, ampliando as complexas redes conceituais e a apreensão de significados, transformando-se em um ambiente de ensino consciente dos sentidos atribuídos e produzidos no processo de aprendizagem. (THIESEN, 2008).

O conceito de interdisciplinaridade é amplo, visto que existe uma vasta discussão no campo da educação acerca dessa temática. Assim,

O que se pode afirmar no campo conceitual é que a interdisciplinaridade será sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizadora (seja no ensino ou na

pesquisa) dos diversos objetos de estudo. Independente da definição que cada autor assuma, a interdisciplinaridade está sempre situada no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e onde simultaneamente se exprime a resistência sobre um saber parcelado (THIESEN, 2008, p. 547).

Nesse sentido, as atividades propostas foram pensadas de forma a transpor a fragmentação característica do currículo a fim de entrelaçar os conhecimentos de maneira significativa. Conforme pontuado, o desenvolvimento da produção do trabalho proposto foi idealizado a partir da literatura infantil, considerando a leitura como elo das relações interdisciplinares.

Segundo Sauthier e Prochnow (2003), a leitura possui duas dimensões, que são: a natureza integradora de saberes e a produção constitutiva de novos saberes, desse modo, a leitura perpassa por todo o processo de ensino e aprendizagem, excluindo a ideia de ser algo exclusivo da área de Língua Portuguesa, podendo contemplar a interdisciplinaridade característica do mundo e da escola pensada nessa perspectiva.

Assim, dentre os livros de literatura abordados estão *O reino de Makunaima e sua chefia da fauna* (Zezé Maku); *Canaimé* (Cecy Lya Brasil) e *Dois histórias da noite* (Leyla Leong). Estes trazem histórias que fazem parte das narrativas orais dos indígenas da Amazônia, os dois primeiros das comunidades indígenas de Roraima, enquanto o último do Amazonas. Além destes, se trabalhou também com o livro *O segredo da chuva* de Daniel Mudurunku.

Os três primeiros livros seriam classificados, segundo Thiél (2013) de literatura *indigenista*, por serem produzidos por não índios e tratar de temas ou reproduzir narrativas indígenas. Já o último citado é o que se define enquanto literatura indígena, por ter sido escrito por um índio segundo as modalidades discursivas que lhe são peculiares.

A interação entre esses livros, indigenistas e indígena, permitiram o reconhecimento dos alunos das diferentes culturas indígenas que compõe o estado de Roraima. Uma vez que, num questionário realizado com as crianças antes do início do Projeto *Paradan: cultivando sementes*, a maioria dos alunos afirmou não conhecer pessoalmente nenhum índio. Após o trabalho desenvolvido durante o bimestre, no qual se buscou também desconstruir estereótipos, essa concepção dos discentes mudou, tendo em vista que tiveram contato com outros estudantes indígenas (alunos da graduação do Instituto Insikiran) e perceberam que o índio não é somente aquele que vive nas aldeias e comunidades, mas faz parte da sociedade como um todo.

Cada livro trabalhado esteve em diálogo com os conteúdos programáticos das diferentes disciplinas. Com o livro *O reino de Makunaima e sua chefia da fauna e da flora*, construído em versos, abordou-se os diferentes tipos de animais e seus hábitos alimentares, a localização espacial e características dos diferentes países de onde cada animal era originário e a importância de preservar o meio ambiente, tendo na figura de Makunaima a representação da relação dos índios com a natureza.

Por meio do livro *Cainamé*, foi abordada a relação entre lenda e realidade, pois este traz um ensinamento passado de gerações entre os índios sobre um índio que se transforma em diferentes seres para fazer mal aos outros.

Já em *Duas histórias da noite*, foi trabalhada a concepção do surgimento da noite nos ensinamentos indígenas, comparando-a a ideia de escala de tempo: dia e noite, definida pelo movimento de rotação.

Em *O segredo da chuva*, que conta a história de Lua, um menino que adentra a floresta para encontrar o espírito da chuva e salvar a todos da seca, foi realizado um diálogo com as crianças sobre a organização das comunidades indígenas refletindo acerca do papel das crianças e dos mais velhos, pensando as diferenças e semelhanças quanto à forma como cada um se relaciona com o meio em que vive e principalmente com o meio ambiente.

Para além dos direcionamentos anteriormente apresentados, foram proporcionados momentos de diálogo sobre a diversidade existente em Roraima e como ela é afirmada pelas diferentes comunidades indígenas que fazem parte da população do estado que são diferentes entre si: Ianomani, Ingarikó Macuxi, Patamona, Wai-Wai, Waimiri-atroari, Wapixana, Yekuana e Taurepang.

Esse trabalho de re-conhecimento da cultura indígena no estado de Roraima, culminou na produção coletiva de um livro de literatura infantil. Este foi construído seguindo o planejado: em sala, coletivamente, as crianças definiram o tema da história, o contexto e os possíveis personagens, dialogando até chegar em comum acordo. Depois, numa narrativa compartilhada, em que cada aluno teve a oportunidade de criar parte da história, com o intermédio das docentes que ponderaram as opiniões de todos, indicaram a coerência que deveria haver dos fatos, produziu-se a história, anotada pela docente na lousa, de modo que todos pudessem acompanhar.

Após esse momento de produção oral, as crianças, em trios, divididos pelas docentes, transcreveram a história e ilustraram o livro que chamaram de *Mikael Paixá: o protetor da floresta*. As docentes dividiram a história em partes e entregaram uma a cada trio, orientando

que a transcrevessem nas linhas traçadas no papel que lhes foi entregue e que fizessem um desenho ilustrando o fragmento, na mesma folha no espaço delimitado.

Nessa produção que será apresentada a seguir, as crianças demonstraram uma compreensão da relação dos índios com a natureza e os conflitos que vêm passando ao longo do tempo para afirmarem a sua cultura e terem seus direitos garantidos.

MIKAEL PAIXÁ, O PROTETOR DA FLORESTA (Turma do 2º ano do Ensino Fundamental do CAP, UFRR)

Era uma vez Mikael Paixá de Oliveira. Ele morava na Amazônia e cuidava sempre de sua casa, a Floresta.

Certo dia, chegou um caçador que queria derrubar todas as árvores. O indiozinho Paixá ficou muito preocupado e pensou em um plano para salvar a Floresta.

Mas o caçador continuava destruindo, cortando as árvores sem parar.

Mikael Paixá chamou os seus amigos e todos da tribo foram pedir para que o caçador não maltratasse a natureza.

O caçador entendeu que a Floresta era a casa de muitos indígenas, plantas e animais e parou de derrubar as árvores.

Paixá e seus amigos indígenas tiveram a ideia de plantar novas árvores.

Todos se tornaram amigos da Floresta, até o caçador que ajudou os indígenas a plantar novas árvores.

Depois de muitos anos, as novas árvores cresceram e aquela Floresta ficou muito bonita, cheia de flores e animais.

E Mikael Paixá de Oliveira ficou conhecido como o “Protetor da Floresta”.

Livro Produzido





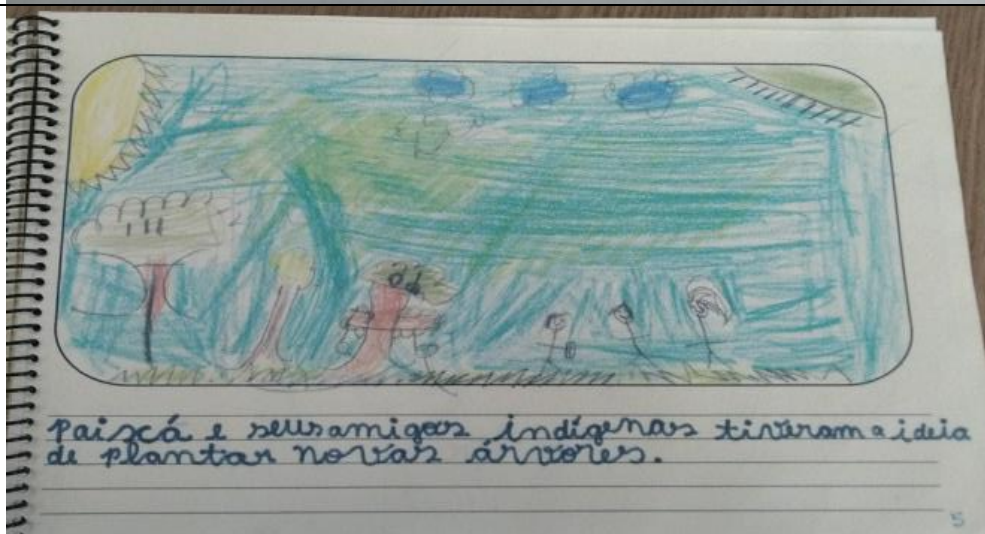
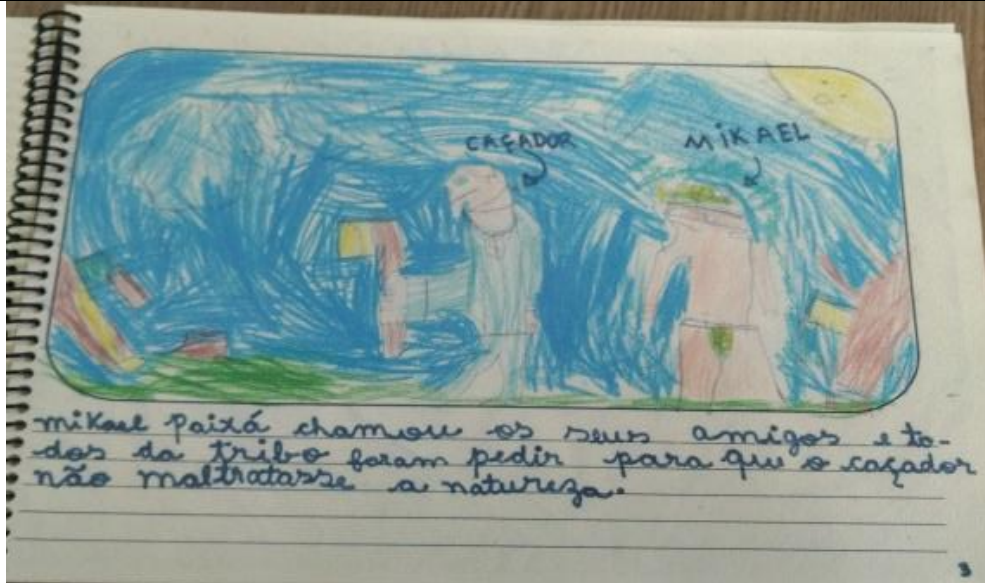
Era uma vez Mikael Paixá de Oliveira, ele morava no Amazonas e cuidava sempre de sua casa, a Floresta.

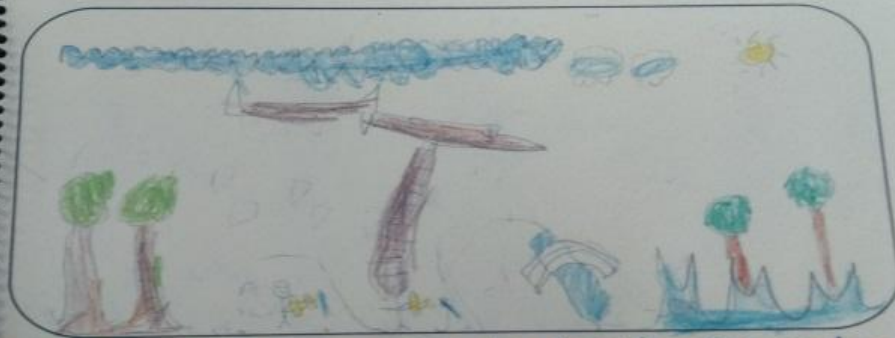


Certo dia chegou um caçador que queria derrubar todas as árvores, o indiozinho Paixá ficou muito preocupado e pensou em um plano para salvar a Floresta.



Mas o caçador continuava destruindo, cortando as árvores sem parar.





Todos se tornaram amigos da floresta, até o caçador que ajudou os indígenas a plantar novas árvores.



Depois de muitos anos, as novas árvores cresceram e aquela Floresta ficou muito bonita, cheia de flores e animais.



E Mikael Paixão de Alencara ficou conhecido como o "protetor da floresta".

Através das ações realizadas ratificou-se a relevância da literatura como um recurso rico para a abordagem de temas transversais como o almejado no trabalho desenvolvido, que objetivou abordar a Cultura Indígena para além de uma data no calendário e romper com estereótipos reproduzidos ao longo de anos de imposição de uma cultura nacional colonial.

Segundo Thiél (2013):

Ao inserirmos a literatura indígena na sala de aula, ao contarmos histórias escritas sob a perspectiva das diversas comunidades indígenas aos nossos alunos e, em especial, às crianças e jovens, possibilitamos que as leituras funcional, recreativa, reflexiva, inspiradora e formativa sejam promovidas. Desta forma, como educadores, motivamos o crescimento de leitores mais competentes, multiculturais e multiletrados, bem como o desenvolvimento de cidadãos que reconhecem a importância das diferenças, valorizam e conhecem a si mesmos e aos outros (THIÉL, 2013, p. 1188).

Assim, a literatura, no presente diálogo, é compreendida como uma fonte viva para a formação cidadã, como um direito humano. Cientes disso, cabem aos docentes oportunizarem aos discentes o acesso a essa arte que se faz na leitura ou contação de histórias, que é ressignificada pela contextualização e diálogo com os diferentes saberes.

O saber científico sistematizado nas diferentes áreas de conhecimentos em consonância com os saberes populares representou a interação das atividades desenvolvidas durante as práticas que tiveram a leitura da palavra entrelaçada com a leitura de mundo.

Os discentes envolvidos nessas ações demonstraram durante as aulas e por meio da produção do livro *Mikael Paixá: o protetor da floresta* o aprendizado sobre a importância do diálogo entre as diferentes culturas, o respeito ao próximo e a valorização dos saberes indígenas que apresentam uma relação de cuidado e respeito à natureza.

Considerações Finais

Podemos afirmar que uma prática pedagógica interdisciplinar realizada em uma turma de Ensino Fundamental – Anos Iniciais, do Colégio de Aplicação/UFRR, em Boa Vista/RR, que teve a literatura como um recurso fundamental, contribuiu para a formação de um olhar sobre a diversidade, enquanto um bem que nos enriquece, que deve ser valorizado e respeitado. Mais especificamente, para o reconhecimento das etnias indígenas de Roraima, suas histórias e culturas.

O trabalho interdisciplinar mostra o quanto não deve haver barreiras entre as disciplinas, pois os conceitos trabalhados em uma podem ser enriquecidos pelos que são trabalhados nas outras, na medida em que há um objetivo em comum. E nessa pesquisa foi possível mediar com os alunos os diferentes pontos de vista sobre o mesmo fenômeno, fato,

situação. Foi possibilitada a abordagem de temas como organização espacial, preservação do meio ambiente, constituição do dia e da noite, através do entrelaçar de conhecimentos científicos e saberes populares das comunidades indígenas.

Nesse processo, a literatura mostrou em toda a sua beleza o quanto a arte das palavras e narrativas ilustradas contribui com a preservação da memória, ao possibilitar as novas gerações de indígenas e não indígenas, conhecer as práticas de seus antepassados e reconhecer a sabedoria indígena na relação homem e natureza.

A produção realizada pelos discentes como culminância da sequência didática proposta, deixou nítido o quanto as crianças apreenderam do que foi mediado. Por meio do texto escrito e das ilustrações temos um olhar sobre o indígena que valoriza sua relação com a natureza, sua capacidade de dialogar com o não índio e foge aos estereótipos, uma vez que ele é representado tanto em vestimenta tradicional, ao longo da história, quanto com camisa e calça, na última página.

Dado o exposto, afirmamos a relevância de promover o diálogo entre as diferenças. As diferentes disciplinas, no que tange a organização escolar. As diferentes culturas, identidades, no que tange o bem estar social. Os diferentes olhares, para que possamos alcançar uma educação intercultural e uma sociedade na qual a diversidade seja abraçada como um bem e não apontada como um mal.

Promover o reconhecimento, valorização e respeito as culturas indígenas é engrandecer a história nacional, as raízes de um país que é diverso, de um estado que possui, em proporção, o maior número de indígenas do Brasil. É alcançar, aos poucos, uma educação que forme ser humanos, humanizados.

Referências

- BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. No dia 27 de out. de 2019.
- BRASIL, Cecy Lya. **Canaimé**. Rio de Janeiro: FAE; Governo do Território Federal de Roraima; 1987.
- CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, Educação e Interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v.13, n.17, 2008.
- CANDIDO, A. *Vários Escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- LEONG, Leyla. **Dois histórias da noite**. Manaus: Editora Valer, 2011.
- MAKU, Zezé. **O reino de Makunaima e sua chefia da fauna**. Boa Vista: Edição do autor, 2015.
- MESQUITA, Elisete Maria de C.; LEÃO, Cleonice de Moraes E.; SOUZA, Dalma Flávia B. G. de. As sequências didáticas como um procedimento de ensino para o gênero artigo de opinião. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 18, n. 22, p. 55-74, jan./jul. 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MUDURUNKU, Daniel. **O segredo da chuva**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 2. ed. Caixas do Sul: Educus, 2008.
- SAUTHIER, Ângela Maria L.; PROCHNOW, Ana Lúcia C. O ensino da leitura numa perspectiva interdisciplinar: uma proposta de aplicação. *Disciplinarum Scientia*. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 185-201, 2003.
- SILVA, Vanilda Alves da.; REBOLO, Flavinês. A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 179-190, jan./mar. 2017.
- THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.
- THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545-554, Dec. 2008.